

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/335653178>

Banhos e progressos em Oeiras e Santo Amaro de finais de Oitocentos [História e Património]. "Jornal A Voz de Paço de Arcos", n.º 24, Agosto 2019, p. 25-27.

Article · August 2019

CITATIONS

0

READS

13

1 author:



Alexandra de Carvalho Antunes

University of Lisbon

101 PUBLICATIONS 10 CITATIONS

SEE PROFILE

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



REBUILD LISBON 1755 | Lisbon reconstruction after the great 1755 earthquake (1758-1800) [View project](#)



Seaside Architecture Studies Network (SEAS-NET) / Rede de Estudos de Arquitectura de Veraneio [View project](#)

Banhos e progressos em Oeiras e Santo Amaro de finais de Oitocentos

Estamos prestes a findar a viagem pelas praias do concelho de Oeiras durante o século XIX.

Recordemos que as motivações iniciais das práticas marítimas eram “meramente” terapêuticas.

Pelo ano de 1811, um conhecedor dos benefícios dos banhos assim os enunciava – em tom satírico – a um seu amigo: «dilata a vida pelo menos mais trinta anos, faz alargar a pele, afugenta todos os herpes, adelgaça a birra, derrete a cólera, desfaz os humores alporquentos, engorda os tísicos, (...), endireita os vesgos, aplaina os corcundas, promove o riso, dá agitação aos membros entorpecidos, cura as faltas de dinheiro, é aperitiva, desobstruente, dessecativa, contra as febres, é carminativa, conserva o estômago, purga, limpa, lava, rebate os vômitos, tira o fastio, náuseas e cruezas, expele as ventosidades frias, cura as feridas frescas, chagas do bofe, apertos do coração, raízes cancrosas, bexigas e lombri-guentas, mal de Luanda, etc.»

Em Paço d'Arcos, e em Oeiras, levantaram-se arcos para a passagem da Senhora do Cabo para Cascaes.

Era muito elegante o arco construído no centro da povoação de Oeiras, no local em que a estrada de Cascaes se separa da que vai para a Torre de S. Julião.

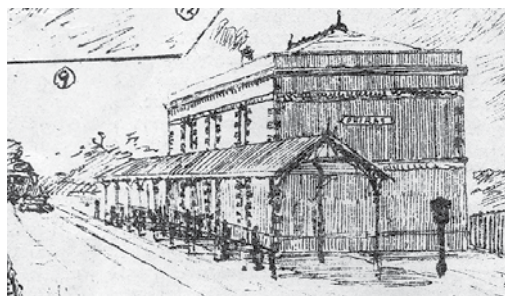
Tanto em Paço de Arcos, como em Oeiras as janellas achavam-se occupadas pelas senhoras, que estão a banhos de mar.

Notícia da passagem do Círio da Senhora do Cabo por Oeiras, com a assistência das senhoras que estavam «a banhos». Publicado em Agosto de 1874.

Retomemos o território da vila cabeça de concelho. No ano de 1868, Oeiras era des-

crita como uma «pobre e mísera villa collocada em sitio árido, secco, agreste e sem a menor importância, a não ser o palácio e a quinta do marquez de Pom-bal». Dizia Ramalho Ortigão, em 1876, ser «apenas notável pelo seu palácio e pelos seus biscoitos» (*Praias de Portugal*).

Em 1875, a praia de Santo Amaro de Oeiras era já «bastante concorrida na estação dos banhos de mar, por famílias de Lisboa e de outras partes» (Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, vol. VI), no entanto ainda não se tinha feito sentir o surto construtivo decorrente da democratização dos «banhos de mar» e das facilidades de comunicação que a chegada do caminho-de-ferro representou.



Estação de Oeiras. Publicado em 1889.

Durante o século XIX, a vila de Oeiras era particularmente memorável pelas suas quintas e pelo Palácio do Marquês de Pombal. Conforme Pinho Leal, «a todos os banhistas estava franca a entrada, a qualquer hora do dia, nas duas magníficas quintas dos srs. marqueses do Pombal e também na bella quinta dos marqueses de Penalva, no entanto para a entrada nas quintas da Arriaga e do Egypto era precisa licença» (*Portugal Antigo e Moderno*, vol. VI).

Com a construção do apeadeiro de Santo Amaro, realizada por subscrição pública, em 1897 (Jorge Miranda, “Apeadeiro de Santo Amaro” in *Jornal da Região – Oeiras*, 17/2/2000), e localizado entre as estações de Paço de Arcos e de Oeiras, deu-se início à edificação «de um bairro balnear de chalets» (Alberto Pimentel, *Portugal Pittoresco e Ilustrado*).



Encosta de Santo Amaro, a partir da praia de Santo a partir da sua praia. O aglomerado de edificações à esquerda corresponde à então designada Rua da Praia – a actual Rua Dr. José Joaquim de Almeida. Postal ilustrado datável do início do século XX.

A «nova estância balnear», com os seus «elegantes chalets», justificava que, em 1911, «a praia de Oeiras fosse bastante concorrida na estação balnear por famílias de Lisboa e d’outras localidades» (Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, *Diccionario historico, chorographico...*, vol. V).

Em 1924, Oeiras era descrita por Aquilino Ribeiro (no volume coordenado por Raul Proença) como «uma pequena vila de 6251 habitantes, sede de concelho, na margem direita do Tejo e perto da foz, tendo ao alto a povoação nova de Santo Amaro, de vivendas espacejadas, de onde se desfruta larga vista para o mar, montes e casas da Outra Banda, e os bairros ribeirinhos da capital. É além disso, uma boa praia, com casino próximo a um jardim à beira-mar» (*Guia de Portugal*).



A praia de Santo Amaro de Oeiras, em postal ilustrado de 1906.

Aqui finda a digressão pelas «praias» do concelho de Oeiras, iniciada no n.º 20 deste *Jornal A Voz de Paço de Arcos*.

Como tentámos demonstrar, até meados do século XIX o território era marcadamente rural e o acesso à beira-mar estava reservado a pescadores e a alguns aristocratas mais viajados. A faixa ribeirinha do concelho conheceu, em momentos diferentes, a implementação dos novos hábitos de veraneio marítimo. No entanto, a proximidade de Lisboa, e de Pedrouços, que, inicialmente havia atraído os pioneiros veraneantes, acabou por ditar, nos últimos anos do século XIX, generalizadamente, o seu afastamento.

A facilidade de acesso, com o estabelecimento de novas vias de comunicação, determinou o loteamento sucessivo de quintas de recreio e de outras propriedades, construindo-se assim uma infinidade de pequenas casas de veraneio e outras de habitação permanente. As praias do concelho de Oeiras passaram, então, a ser destino de veraneio de comerciantes, industriais e outros pequenos e médios-burgueses, provenientes de Lisboa ou de ou-

tros locais do país, conforme se constatou através dos processos de obra consultados no Arquivo Municipal de Oeiras, afastando, assim, a maioria dos veraneantes da aristocracia e da alta burguesia lisboetas.

São tempos idos cujos testemunhos materiais continuam a marcar – incontestavelmente – a paisagem e a identidade deste concelho.

- Correção ao n.º 23, pág. 26

O teatro do conde de Carvalhal situava-se na sua propriedade de Lisboa (na citada rua de S. Félix) e não na de Caxias como, confiando nas fontes escritas, assim publicámos. Este erro consta, por exemplo, no “*Guia de Portugal*” (de Raúl Proença) e em “*Estroinas e Estroinices. Ruína e Morte do Conde de Farrobo*” (de Eduardo de Noronha). Devo tributo ao Prof. Jorge Miranda pela ajuda no esclarecimento deste assunto.

Alexandra de Carvalho Antunes